

seguravam ainda, dos quais se desprendiam vozes esmaecidas e da própria coisa que, atrapalhada, marchava em círculo, partindo vidros e chocando com cadeiras, sofás e com os *dossiers* que o funcionário do arquivo entretanto espalhara. Este continuava de joelhos, numa posição de prostração face ao objecto, que, noutras circunstâncias, se poderia pensar de origem religiosa...

Passaram assim alguns instantes intermináveis. A primeira voz humana que quebrou a penosa indecisão gerada foi, para gáudio do escalonamento hierárquico governamental, a da própria Senhora Ministra, que conseguiu articular as seguintes palavras: “O Primeiro-Ministro! Alguém avise o Primeiro-Ministro do que se está a passar!” Ninguém entendeu a necessidade de avisar o chefe do Governo, mas também ninguém pensou em cumprir a ordem que a Senhora Ministra emitira. E assim, uma vez mais, um despacho de um alto funcionário do Governo ficava sem a devida execução! Que espanto...

No entanto, foram estas frases infelizes – duas mais entre tantas outras – que tiveram o condão de fazer António emergir do torpor em que mergulhara desde que aquele corpo se introduzira no gabinete. Com uma clarividência fria, percebeu então que estava defronte de um ser extraterreno. Sim, só podia ser isso! Afinal, sempre existiam seres vivos sem ser na Terra, e aí estava um, que aterrara no seu Ministério. Não havia do que duvidar. António Gusmão era um materialista, acreditava no que via, e, defronte dos seus olhos, arrastava-se com evidente atabalhoamento um objecto animado, que andava, quebrava vidros e que, pensando com calma e apesar de tudo, até lembrava vagamente a estrutura de um animal terráqueo. Era óbvio que se tratava pois de uma manifestação viva gerada fora da Terra, um bicho, uma pessoa, enfim, um vivente de algures no espaço, um habitante de qualquer planeta perdido que agora aparecia logo naquele (organizado?) edifício.

António empertigou-se. Havia que tomar uma decisão, ultrapassando aquele impasse doloroso. Deu uma olhadela em redor e confirmou a convicção de que as restantes pessoas que trabalhavam naquele gabinete não tomariam decerto – a avaliar pelos últimos meses – qualquer iniciativa inteligente nos tempos mais próximos. Compenetrou-se então da importância histórica da situação e da superioridade natural dos homens que, no momento certo, assumem a responsabilidade do destino. Lembrou-se difusamente de Napoleão junto às Pirâmides e de Amström antes de pôr o pé na Lua. Deu com solenidade dois ou três passos em direcção ao gorducho verde que rodeava agora lamentavelmente um cesto de lixo tombado e perguntou com um tom de voz firme: “Desculpe, o Senhor podia dizer-me de que planeta veio?”

Gonçalo Guido

Professor de Língua Portuguesa

goncaloguido@gmail.com

